



## AQUI ESTAMOS. ONDE AS COISAS SE TOCAM: UMA PRÁTICA ARTÍSTICA JUNTO A QUEM BUSCA ENRAIZAR (EM DESLOCAMENTO)

Here we are. Where things touch: an artistic practice with those who seek to root (in displacement)

Cláudia Zanatta<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo aborda a construção de mapas em dois contextos específicos do RS. Uma delas é a Vila Renascença I, em Porto Alegre e a outra é de indígenas mbya-guaranis residentes no Rio Grande do Sul. É narrada nos dois contextos a realização de oficinas de construção de mapas mediante uma prática artística participativa, a qual nos permite refletir sobre lugar, gentrificação e território.

**Palavras-chave:** Arte; Território; Indígenas; Urbano; Mapas

### Abstract

This article deals with the construction of maps in two specific Rio Grande do Sul contexts. One of them is the Vila Renascença I, in Porto Alegre and the other of Mbya-Guarani Indians residing in Rio Grande do Sul. It is narrated in two contexts the creating of mapmaking workshops through a participatory artistic practice, which allows us reflect on place, gentrification and territory.

**Keywords:** Art; Territory; Indigenous people; Urban; Maps

<sup>1</sup>Cláudia Zanatta é Artista. Professora do Departamento de Artes Visuais/IA/UFRGS, e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Possui Doutorado em Arte Público y Poéticas Visuais - Universidad Politécnica de Valencia (Espanha) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (co-tutela). Membro do Conselho Deliberativo da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, pelo Comitê de Poéticas Visuais.

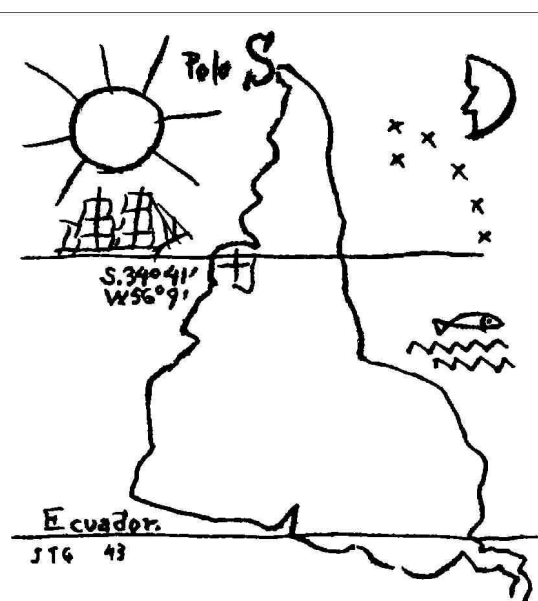
Iniciemos pela primeira frase do título: **Aqui estamos.**

O que isso significa? Se pensarmos em coordenadas, a geografia habitual nos diz: Porto Alegre Latitude: -30.0277, Longitude: -51.2287 30° 1' 40" Sul, 51° 13' 43" Oeste.



Entretanto, se pensarmos em um outro mapa, essas coordenadas mudam, o que é norte passa ao sul e o que é leste passa a oeste. O mapa invertido de Torres García.

Mapa invertido da América do Sul. Joaquim Torres Garcia. 1943

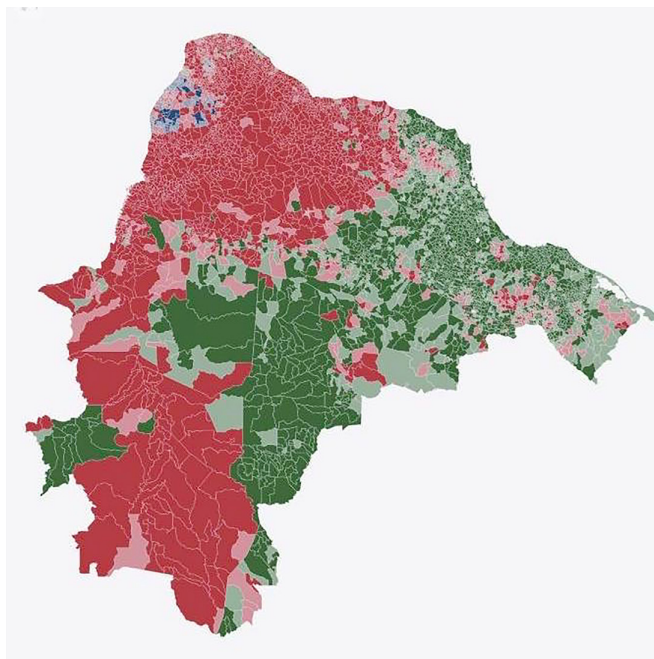


Aqui, temos um terceiro mapa, este produzido recentemente, em 2018, logo após o primeiro turno das eleições presidenciais no Brasil. Ele é um mapa do Brasil que foi “deitado” por Marina Taffarel (Fig.2), aluna de artes visuais da Universidade Federal do RS. Nosso gigante em berço esplêndido, como nos lembra o Hino Nacional. Esse mapa traz as cores vermelha e verde relacionadas ao resultado das eleições no país. Na parte marcada em vermelho, um partido predominou na obtenção de votos. Na parte em verde, outro partido. Percebe-se uma grande diferença na votação relacionada ao território<sup>1</sup>.

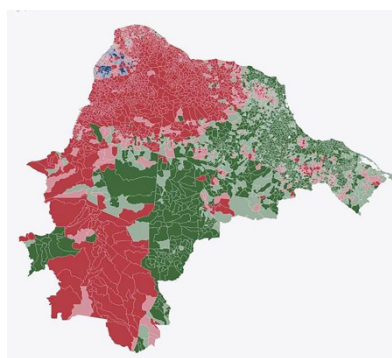
Trago esses três mapas para pensarmos por meio e com as *imagens* **Aqui estamos**, que é **parte do título dessa** escrita feita também por *imagens*. Pergunto-me se esses mapas podem conviver ao mesmo tempo e, se o *fazem*, como o *fazem*.

1 No mapa, em vermelho, votos para Fernando Haddad, em verde, votos para Jair Bolsonaro, em azul, votos para Ciro Gomes. Mapa das apurações eleitorais para presidência do Brasil, primeiro turno. (fonte G1)

*Y voy gastar mi portuñol ahora: El nordeste es orientación, porque nosotros no podemos más seguir nuestro sur como nuestro norte.* Marina Taffarel, 2018.



Experimentemos algumas possibilidades.



Assim:



Assim:

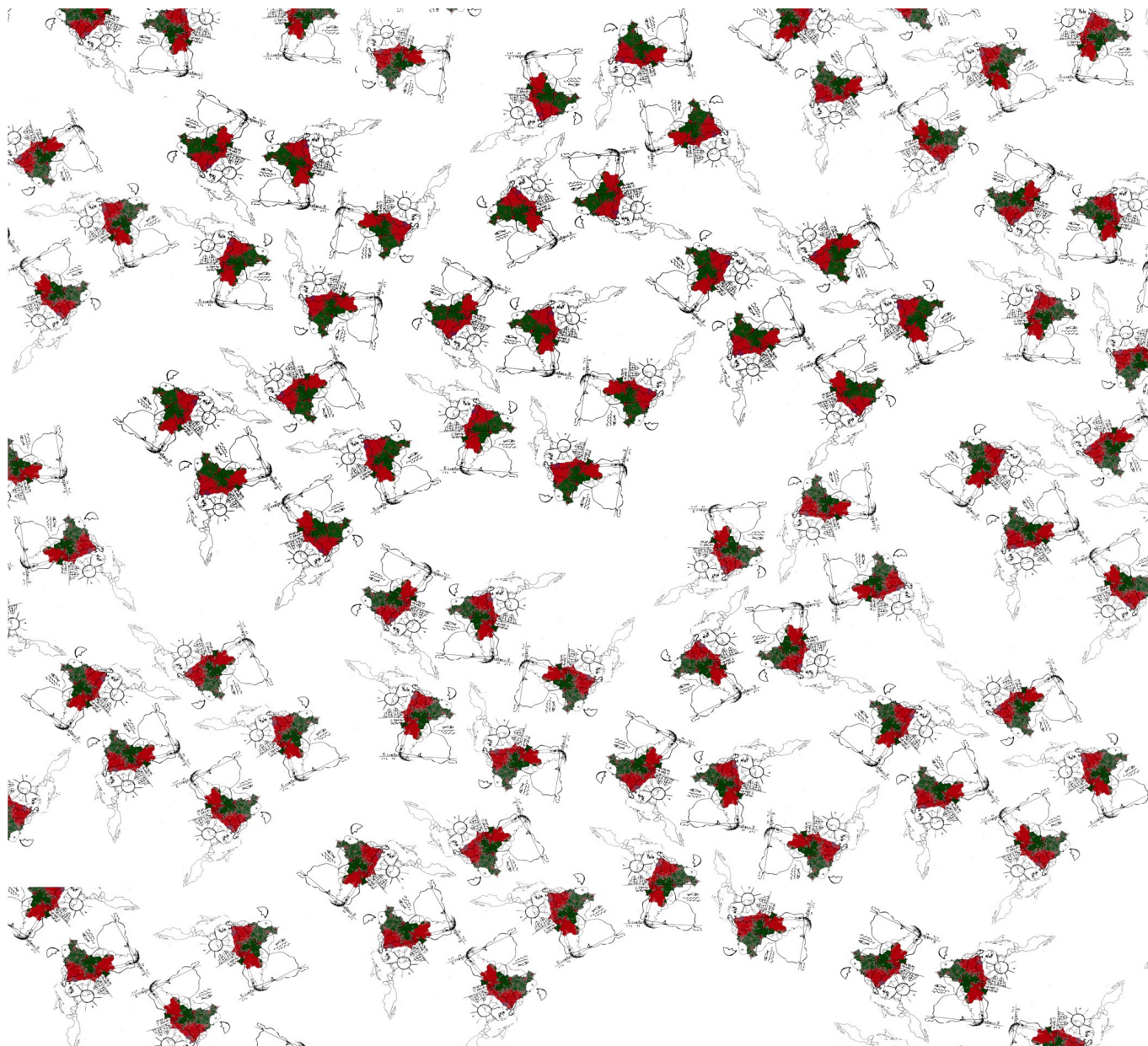
*Onde três mapas se tocam e giram.* Cláudia Zanatta, 2018.





E, depois, assim:

*Onde três mapas se tocam e giram: possibilidades.* Fabio Valle, 2019.



**Onde as coisas se tocam.** É a segunda parte de nosso título. “Se tocam” não significa que um alguém toca o outro alguém. Significa que se tocam ao mesmo tempo. Tocam-se. O **onde as coisas se tocam** do título seria essa sobreposição dos mapas, em suas diversas possibilidades de orientação?

Se chamamos o título completo, temos: **Onde as coisas se tocam: uma prática artística junto a quem busca enraizar (em deslocamento).**

Aparece aí: **prática artística.**

Há alguns anos, o grupo de pesquisa Poéticas da Participação-Cidadania e Arte, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS, tem se aproximado de pessoas que buscam enraizar-se em territórios bem específicos. Dizer, aqui, território é conceituá-lo a partir do geógrafo Milton Santos, quando indica que “não serve falar de território em si mesmo, mas de território usado, de modo a incluir todos os atores...” (SANTOS, 2000, p.26) e “...o território revela o drama da nação, porque ele é muito mais visível através do território do que por intermédio de qualquer outra instância da sociedade. A minha impressão é que o território revela as contradições muito mais fortemente. Se se pudesse falar em um cotidiano nacional, este seria mostrado pelo território”. (SANTOS, 2000, pp.21-22)

Essa noção de território ligada a seu uso cotidiano é muito importante para os grupos de pessoas com as quais trabalhamos. Um deles se constitui de moradores da Vila Renascença I, no bairro Menino Deus, em Porto Alegre, RS, o outro,

de indígenas mbya-guaranis, habitantes em diferentes lugares no RS. O que dois grupos tão distintos teriam em comum? Onde se tocam, se é que o fazem? O primeiro grupo é urbano e o outro não urbano, posto que resistimos a chamá-lo de rural. Como nomear o território de quem vive às margens de rodovias no Brasil? Rodoviários, motoristas, é denominação para quem roda pelas vias. Todavia, como se chama quem à margem delas vive? Se fosse margem de rio, seriam ribeirinhos. Parece que aqui falta inventar um nome.

Talvez, algo em comum entre os dois grupos seja que ambos tiveram seus territórios de vida tomados, foram desalojados, desapropriados (embora não tivessem os papéis que lhes colocassem na categoria de proprietários e os mbyas nem usassem essa categoria). Os dois grupos sofreram a experiência de desenraizamento forçado e de instalação em outro meio. O segundo ponto em comum é que ambos resistiram e buscaram retomar seus territórios de vida. A terceira convergência é que essa busca segue até hoje.

Voltemos ao nosso título: **uma prática artística junto a quem busca enraizar.**

Na pesquisa, perguntamos como nos aproximarmos de algo que não é um assunto, não é um tema, mas é uma ferida. Como lidar com essa dificuldade para existir, para brotar, seja na vida, seja na arte? Estar junto seria uma forma de buscar uma resposta? Qual a importância de estar junto a quem precisa enraizar nesse país, a partir da perspectiva de quem foi “des-terrado”?

## Moradores da Vila Renascença I

Grupo residente na Vila Renascença I, constituída inicialmente por população cujos ancestrais provenientes de escravos eram moradores da Ilhota, um local na cidade de Porto Alegre, que deve seu nome às inundações frequentes que nele aconteciam, ocasionadas pelos arroios Dilúvio e Cascatinha<sup>2</sup>. Nos anos 70, os habitantes da Ilhota, devido a um projeto de urbanização<sup>3</sup> de Porto Alegre, foram removidos à força para a Vila Restinga I, Vila Jardim, Bom Jesus e cidades vizinhas, como Viamão e Alvorada, áreas com infraestrutura precária e distantes do local de trabalho dessa população. O pesquisador Deividson de Campos explicita o quão traumática foi essa remoção: “Para as comunidades negras, significará um novo movimento de desterritorialização, repetindo em pequena escala o processo de diáspora escravista”. (De CAMPOS, 2016, sp.) Após algum tempo, muitos dos moradores começaram a retornar à Ilhota, formando pequenas Vilas, dentre as quais a Vila Restinga I.

Foi por acaso que nos aproximamos dessa história de uma parte de nossa cidade que apenas agora reaparece. Angélica Mirinhã, líder comunitária<sup>4</sup> e moradora da Vila Renascença I, procurou-nos na universidade para propor uma parceria, visando desenvolvimento de um projeto de produção de vasos cerâmicos na Vila. A partir desse contato, começamos a trabalhar conjuntamente e a perceber a complexidade do território habitado e gerado na Renascença I. Os encontros e atividades realizados no local junto aos moradores nos levaram a cogitar se poderiam ser recuperadas rotas, caminhos e como refazê-los no contexto do **Aqui estamos**. Seguindo tais indagações, foi dado início, então, ao que denominamos de “oficinas de mapas”. Tais oficinas se constituíram de vários encontros nos quais moradores da Renascença I refizeram percursos dos arroios que tiveram seus cursos desviados durante o período da remoção, pesquisaram mapas originais e atuais da Ilhota e propuseram outros caminhos a partir das estratégias de resistência territorial e cultural desenvolvidas por seus familiares ao longo dos anos.

O segundo grupo com o qual trabalhamos no escopo, uma rede denominada *Saberes Indígenas na Escola*, é formado por indígenas mbya-guaranis, residentes no RS. A rede *Saberes Indígenas na Escola* é uma ação a nível nacional que promove formação continuada de professores indígenas, baseada no multilinguismo, interculturalidade e organização comunitária<sup>5</sup>.

A partir do contato com os mbyas-guaranis, observamos que o território para esse grupo não é um ponto em um mapa, mas feito de itinerários, fluxos dinâmicos pelos quais se deslocam e que, muitas vezes, consideram outras fronteiras que não as habituais; tais territórios têm seus pontos de pausa, onde se habita. O que tem sido feito ao longo da história foi, sistematicamente, acabar com esses locais, limitando drasticamente o território dessa população, e, conseqüentemente, reduzindo seus membros. Perguntas fundamentais no encontro com o **Aqui estamos** dos mbyas foram: “Quem é o proprietário das terras? Quem as demarca? Que campos de forças tentam insistentemente desapropriá-los de si mesmos? Como prosseguir e existir quando rotas e pausas se reduzem a territórios muito limitados?”

Dentro das atividades da Rede Saberes Indígenas na Escola, no RS, os mbyas geraram, ao longo de vários encontros, 26 mapas que se relacionam, de muitas formas, às indagações apontadas acima. Tal cartografia indica a vida cotidiana, os caminhos e as caminhadas, os animais, a vegetação, os alimentos e as diferentes perspectivas de buscar entender e de se entender nesses territórios.

2 Na atualidade, tal área se localiza entre a rua Lima e Silva até a Getúlio Vargas e da Praça Garibaldi até a Avenida Ipiranga.

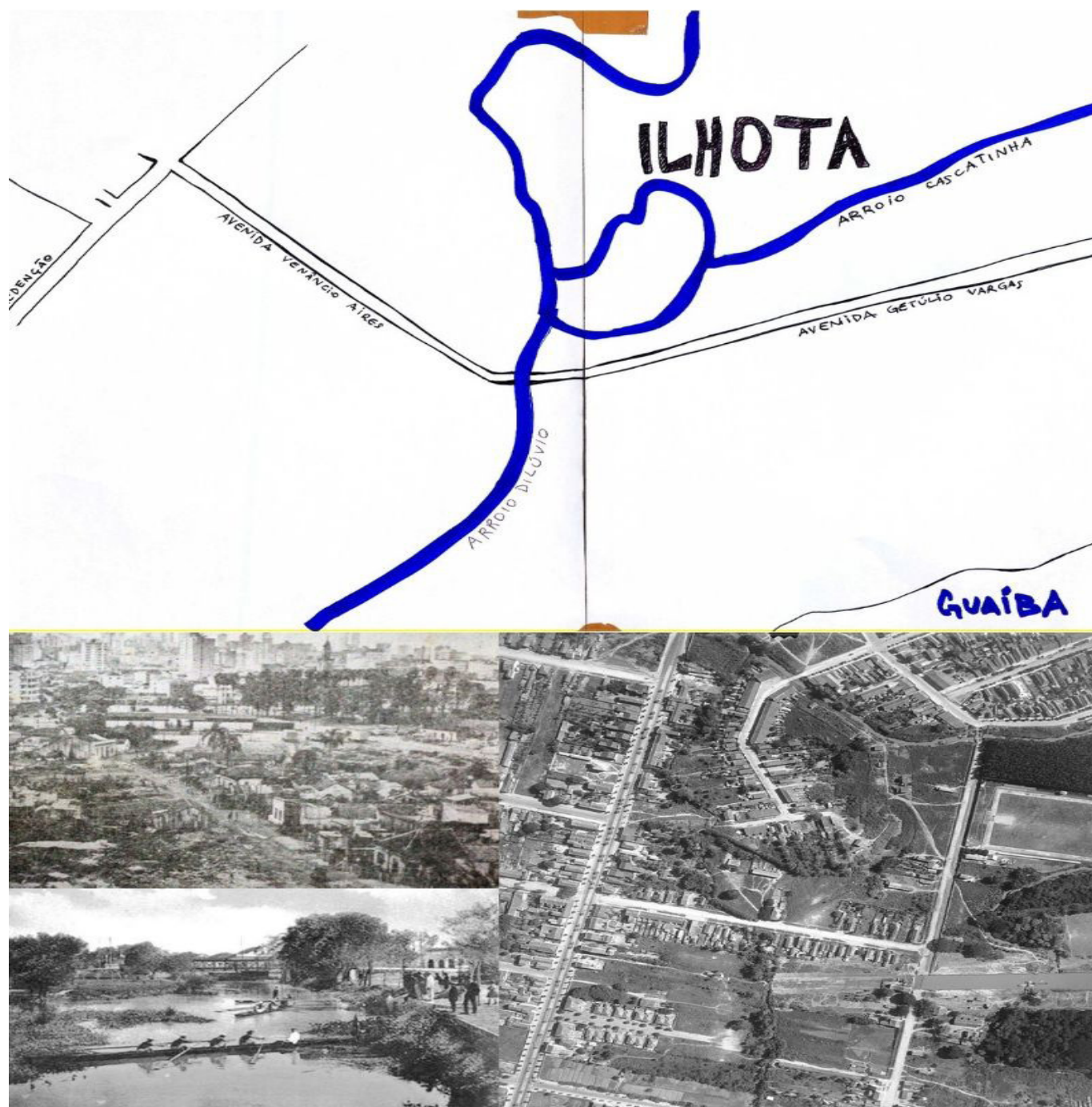
3 Projeto CURA (Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada), Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria do planejamento Municipal, Escritório de Projetos CURA, Projeto Renascença, Correspondência, s/ data). Projeto Renascença 13.2.42.1 Arquivo Histórico Moysés Vellinho.

4 Angélica Mirinhã é atualmente coordenadora do Ponto de Cultura Território Ilhota.

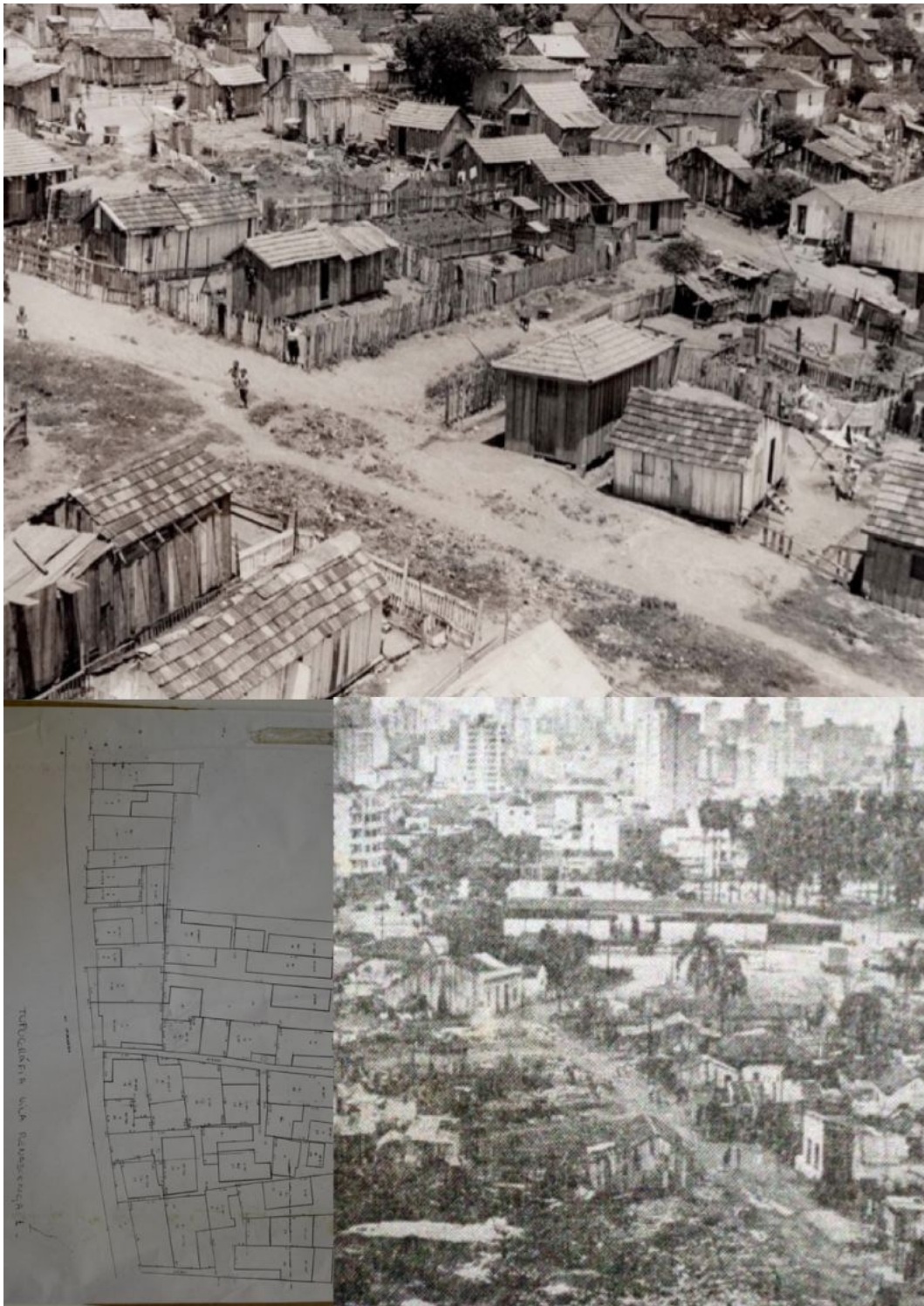
5 Informações sobre a Rede Saberes Indígenas na Escola disponíveis em <http://www.fnnde.gov.br>



Montagem com mapas do território Ilhota, a partir de fotografias disponibilizadas na internet e mapa desenhado na oficina de mapas da Vila Renascença I. Porto Alegre, 2016.



Montagem com mapas do território Ilhota, a partir de fotografias disponíveis na internet e mapa das casas da Vila Renascença I. Porto Alegre, 2016.





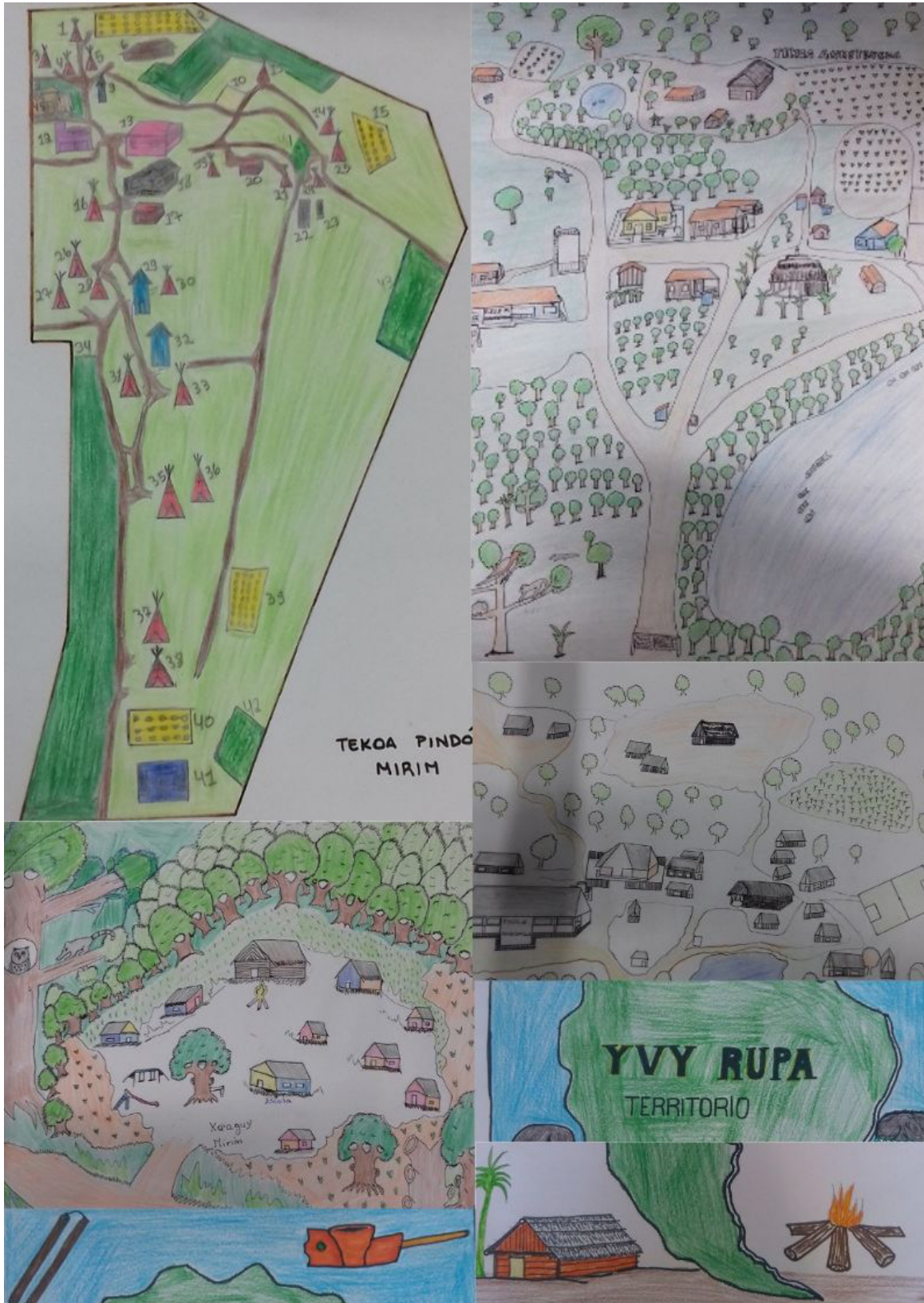
Oficina de mapas Vila Renascença I. Porto Alegre, 2016.





## Mbya-guaranis

Montagem com detalhes de mapas desenhados por mbya-guaranis. Rio Grande do Sul, 2017.





Montagem com detalhes de mapas desenhados por mbya-guaranis. Rio Grande do Sul, 2017.





## Considerações Finais

O trabalho com os mapas se revelou uma boa maneira de colocar as coisas em movimento, relacionar passado, presente e talvez, um futuro. Assim, fomos produzindo a partir de outras geografias, novas histórias, mas também recontando histórias ligadas a territórios afetivos, ao mesmo tempo reais, utópicos, imaginários. A produção de narrativas a partir do ponto de vista de quem foi (e permanece sendo) sistematicamente excluído e inviabilizado no campo social assume, assim, grande importância e aponta para a busca, não pela inclusão em mapas e histórias oficiais, sobretudo pela escolha da possibilidade de se gerar outras cartografias, deslocamentos e perspectivas. Em suma, outros modos de se localizar, de se entrar e de se sair em um mapa. Modos não habituais de cogitar se viver e se orientar estando dentro de territórios que não são estantes, contudo tecidos e recriados continuamente.

## Referências

- DE CAMPOS, Deivison M. Outras Carolinas: banzo e lamento na autobiografia de Zeli Barbosa. In: **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**. Número 05, Mato Grosso, Dezembro, 2015-2016.
- SANTOS, Milton. **Território e Sociedade**. Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.
- Revista Ilhota**. Edição nº1. Ed. Bertalha, Belo Horizonte, 2016. Disponível em <https://territorioilhota.wixsite.com/ilhota/revista-ilhota>